

**CRUZ E SOUSA E O RUMOR DAS CIDADES: A ORIGINALIDADE DO SIMBOLISMO BRASILEIRO**

Juan Marcello Capobianco (UFF)  
[juandireito@yahoo.com](mailto:juandireito@yahoo.com)

**RESUMO**

O artigo tem por objetivo analisar a natureza da diferença entre a temática da “metrópole urbana”, muito presente na poesia do francês Charles Baudelaire, considerado inaugurador do Simbolismo no mundo, com a obra do brasileiro João da Cruz e Sousa, onde há, em oposição, notória ausência dos elementos da modernidade citadina, das ruas e multidões, não obstante a influência do primeiro sobre o segundo seja apontada pela quase totalidade dos críticos. O objetivo do trabalho é analisar o quanto a arte simbólica de Cruz e Sousa não foi uma “herança artificial” ou cópia do modelo europeu, alusão feita por alguns estudiosos, mas uma criação original do brasileiro, atento à natureza do seu povo e em sintonia com as inquietações e anseios do seu tempo.

**Palavras-chave.** Cruz e Sousa. Baudelaire. Simbolismo. Metrópole.

Em um de seus notáveis estudos sobre Charles Baudelaire, Walter Benjamin menciona o soneto *A uma Passante*<sup>43</sup>, (BENJAMIN, 1989, p. 42), observando que o poeta não trouxe aos versos a *multidão* como asilo, mas como refúgio. Demonstra a relação entre o tumulto citadino, incrementado pela multiplicação de lâmpões a gás na Paris do início do século XIX, e o prazer de circular pelas galerias e vitrines, absorvendo e observando o rumor da nascente vida urbana. “Baudelaire amava a solidão, mas a queria na multidão” (*Idem, ibidem*, p. 47). A predisposição do francês era mais que aparente, eis que sua obra transparecia a inclinação para a modernidade não somente na linguagem, mas na temática. Encarnava o *flâneur*<sup>44</sup>, caminhando inserido no espaço lúdico da cidade, no labirinto do inconsciente individual e social, decifrando como imagem mental a metrópole moderna.

Nesta seara, fica claro por que o próprio simbolista francês se via como “poeta da modernidade”. Ao explorar a possibilidade de extrair

---

<sup>43</sup> Neste soneto, Baudelaire faz menção ao espaço urbano já no primeiro verso: “A rua em torno era um frenético alarido”.

<sup>44</sup> Como personagem emblemático parisiense do século XIX, o *flâneur* encarnava a figura *masculina* da vida pública moderna, inserida (também) numa divisão sexista. (WOLFF, 1990, p. 47).

seus versos da civilização comercializada e dominada pela técnica, Baudelaire transfigurava os estímulos civilizados em matéria poética vibrante (FRIEDRICH, 1978, p. 47). Explica Hugo Friedrich que as imagens dissonantes da metrópole são de extrema intensidade em Baudelaire, eis que juntam a luz a gás e o céu do crepúsculo, o perfume das flores e o odor de alcatrão, contrastando também com as curvas vibrantes de seus versos. São conteúdos de sua modernidade poeticamente galvanizada. (*Idem, ibidem*, p. 43) janelas poeirentas com vestígios de chuva, fachadas cinzentas e gastas, a aurora como mancha suja, como o sono animalesco de prostitutas, estrepitoso rodar de ônibus, dentre outras marcantes.

É fato, por certo, que a modernidade se acentuava vertiginosamente no entorno da metade do século XIX. O desenvolvimento da fotografia, em 1839, já adentrara num segundo momento de ascensão, difundida em maior escala pelos cartões de visita fotográficos (*carte-de-visite-photographique*) (FABRIS, 2008, p. 17), e o impacto sobre o observador viria a transformar a perspectiva da sociedade. Jonathan Crary aponta que esta revolução operada pela fotografia não deve ser encarada como parte de uma história contínua de representação visual, e sim como uma nova economia cultural de valor e troca, (CRARY, 2012, p. 22) o que representa alcance bem maior.

Baudelaire, precursor de um estado mutável de imagens e impressões, soube pressentir as transformações agudas que foram paulatinamente se hipertrofiando ao longo do século. Com exatidão resume Simmel, em seu estudo de 1903, “A metrópole a vida mental”, que a cidade moderna ocasionou “a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria.” (SIMMEL, 1950, p. 12)

A pesar de tantas menções da crítica à influência recebida de Baudelaire, e mesmo que não haja um só verso de Cruz e Sousa que o imite (MURICY, 1987, p. 23), o catarinense deixou registro em prosa poética atestando a marca deixada pelo simbolista francês:

– Charles [Baudelaire], meu belo Charles voluptuoso e melancólico [...] Ah! se tu soubesses com que encanto ao mesmo tempo delicioso e terrível, infável, eu gozo todas as tuas complexas, indefiníveis músicas; os teus asiáticos e letíficos aromas de ópios e de nardos; toda a mirra arábica, todo o incenso litúrgico e estonteante, todo o ouro régio tesourial dos teus Sonhos Magos, magnificentes e insatisfeitos [...] Como eu ouço religiosamente, com unção profunda, as tuas Preces soluçantes, as tuas convulsas orações do Amor! (SOUSA, 2000, p. 608-609)

Contudo, na poesia do brasileiro não há aspectos de metrópole, agitação urbana e elementos do cotidiano citadino intenso, notáveis em Baudelaire. A perspectiva é bem diversa, entretanto, não menos renovadora. Gilberto Mendonça Teles, que atribui ao catarinense uma poesia revestida de conteúdo muito mais humano do que a dos poetas europeus (TELES, 1994, p. 29), demonstra que ele, ao assimilar culturalmente a herança estética européia, transgrediu a tradição simbolista socando-a por dentro, “desestruturando-a com os golpes semânticos de cada palavra enumerada, e estruturando assim uma nova harmonia, fracionada pela diversidade de elementos” (*Idem, ibidem*, p. 42).

Inicialmente, Cruz e Sousa pode ter colhido inspiração no Simbolismo baudelaireano, encarnando a estilização ou reação brasileira a um movimento originariamente europeu, todavia, no percurso dialético do poeta catarinense, predomina a nota do etnicamente marginalizado, do “emparedado”, acentuada pelas condições físicas, o que lhe conferiu tamanha cosmovisão peculiar, que convenientemente o distanciou dos demais poetas franceses que o influenciaram, mesmo Baudelaire (PORTELA, 1959), que viveu realidades bastante diferentes.

Todavia, estes enfoques que distanciam Cruz e Sousa de Baudelaire encontram melhor elucidação quando se observa o núcleo ideológico-conflitual que permeou estes dois criadores tão diversos, ainda que irmanados por um ideal de poesia simbolista.<sup>45</sup> É Alfredo Bosi, abordando o satanismo (mas que se aplica à generalidade da poética), quem destaca o núcleo conceitual diverso entre os poetas:

De todo modo, convém fazer distinções de sentido. O satanismo baudelaireano deve ser entendido no contexto já moderno do poeta das *Flores do Mal*, *dandy*, *flâneur* e solitário na metrópole parisiense. É o desprezo fulminante do artista contra o filisteu, o hipócrita, o senhor das convenções burguesas. Cruz e Sousa incorpora certamente na sua dicção muito da eloquência ferina desse veio maldito, mas o seu léxico e as suas metáforas servem-lhe também para traduzir uma situação própria, que tem a ver com a maldição tanto coletiva quanto individual sofrida pelo descendente de africanos (BOSI, 2008, p. 76).

---

<sup>45</sup> Anna Balakian afirma que, sob o rótulo de Simbolismo, foram agrupados tantos poetas com traços bastante diversos, que foram capazes de tornar o Simbolismo não mais nacional ou francês, mas parte da cultura ocidental, cuja “preocupação maior era o problema não-temporal, não sectário, não-geográfico e não-racional da condição humana: o confronto entre a mortalidade humana com o poder de sobrevivência, através da preservação das sensibilidades humanas nas formas artísticas.” (BALAKIAN, 2000, p.15).

Com clareza, Bosi explica que a dicotomia presente em Baudelaire (e mesmo em algumas obras de Verlaine), cuja tensão se manifesta na relação “artista *versus* burguês”, tem seu núcleo deslocado na poética cruzesousiana para uma tensão que envolve África *versus* Civilização, ou, ampliando o espectro, África *versus* história universal. (BOSI, 2008, p. 179)

O afastamento dos elementos urbanos e modernos na temática, bem como o foco social, são questões que passam por esta análise envolvendo o burguês baudelaireano e a condição étnico-racial do negro catarinense expressa na poética, mas não se encerra nisso. O aprofundamento do alheamento à realidade, a alardeada “torre de marfim”, não somente requer o diálogo contrapontístico com Baudelaire, mas, sobretudo, a observação dos aspectos extrapoéticos e peculiares à própria condição de cidadão do poeta brasileiro. Cruz e Sousa não foi alheio às inquietações da sociedade do seu tempo. Andrade Muricy, cuja autoridade no estudo do Simbolismo brasileiro foi atestada por Manuel Bandeira (1996, p.7), ao considerar a abstração dos simbolistas pelos interesses coletivos e pela vida social, propalada por alguns, relembra o papel sócio-político dos simbolistas, que “se empenharam, apaixonadamente nas campanhas pela Abolição e pela República” (MURICY, 1987, p. 42), desmentindo a abstração dos interesses coletivos e da vida social. O próprio Cruz e Sousa proferiu conferências e produziu escritos abolicionistas que, dos que se puderam conservar, só tardiamente foram recolhidos e publicados<sup>46</sup>. Isto porque o ardor proselitista fora esvaziado pela conquistada libertação escravista e pelo advento da República, deixando os intelectuais – e, nesta seara, os simbolistas – de mãos vazias. (MURICY, 1987, p. 42)

Com lucidez demonstra Dúnia Freita que, atualmente, o poeta catarinense não mais é visto com o distanciamento social da antiga crítica:

Cruz e Sousa não estava isolado do social, nem refugiado na ‘Torre de Marfim’. Foi a voz que lutou pelo seu espaço, pela sua credibilidade, mas que se revoltava com a indiferença, com o desprezo que lhe era devotado pela sociedade.” (FREITAS, 1996, p. 55)

---

<sup>46</sup> Foi de Andrade Muricy a iniciativa de publicação, na *Obra Completa*, dos poemas de Cruz e Sousa de conteúdo abolicionista e ligados à causa. O crítico paranaense, amigo pessoal de Nestor Vitor, que herdara o acervo diretamente das mãos do poeta, recebeu os manuscritos em confiança (SOUSA, 2000, p. 20-21) e, na edição do centenário, em 1961, trouxe à luz muitas das obras esquecidas do período pré-abolicionista, revelando que o poeta catarinense nunca se distanciara de seus irmãos de cor.

A reação combativa dos simbolistas se deu, na verdade, não por uma mera evasão da realidade, mas pela busca da ânsia do absoluto, e essencialmente por uma tendência incontornável de contraposição à ideologia do positivismo e do cientificismo, cuja relatividade era imposta de forma compulsória e com “objetivismo” incontestado (MURICY, 1987, p. 42). Esse isolacionismo, ademais, não era novidade de escola, pois já provinha dos românticos (MOISÉS, 1973, p. 75), ainda que com tintas diversas.

É possível observar que a concepção bosiana sobre a diferença de *tensões* do artista, notável em Baudelaire e Cruz e Sousa, não impediu que o próprio brasileiro se mantivesse persistente em sua reação contrária aos valores existenciais e ideológicos da burguesia, em seu protesto racial metamorfoseado em revolta estética (BASTIDE, 1979; BOSI, 2008, p. 179), além de oposto à literatura objetiva (MUZART, 1994, p. 79).

Andrade Muricy recorda este aspecto ao considerar o “Emparedado”, publicado postumamente na obra *Evocações*, no mesmo ano de 1898 em que faleceu Cruz e Sousa. Afirmo o crítico paranaense que o poema em prosa, antes de ser um protesto provindo de sua condição de negro e sócio-economicamente miserável, ou mesmo uma confissão de titã encadeado na contingência do preconceito social, num pensamento angustiado e vergastado por intensas tragédias (MOISÉS, 1973, p. 115), é um agigantado requisitório de piedade e humanidade geral (MURICY, 1987, p. 43), o que lhe confere traços de universalidade que devem servir de norte para orientar o estudo sobre os alegados alheamentos da realidade, tanto no contexto social, quanto no mencionado campo da modernidade metropolitana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. Trad.: José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BANDEIRA, Manuel (Org.). *Antologia dos poetas brasileiros*. Poesia da fase simbolista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

BASTIDE, Roger. Quatro estudos sobre Cruz e Sousa. Poesia afro-brasileira. São Paulo, Martins Fontes, 1943, In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979, p. 157-189.

BENJAMIN, Walter. Baudelaire Charles: um lírico no auge do capitalismo. *Obras escolhidas*, V. III. Trad.: José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOSI, Alfredo. Poesia versus racismo. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. 1ª reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FABRIS, Annateresa. (Org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. Coleção Texto e Arte. 2. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

FREITAS, Dúnia Anjos de. *O olhar do historiador garimpando o léxico na prosa de Cruz e Sousa*. 1996. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MOISÉS, Massaud. *O Simbolismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973, v. 4.

MURICY, José Cândido de. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3. ed. Brasília: INL, 1987, vols. I e II.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Cruz e Sousa e o trabalho da Arte. In: SOARES, Iaponan; MUZART, Zahidé L. (Orgs.). *Cruz e Sousa: no centenário de Broquéis e Missal*. Florianópolis: UFSC, FCC ed., 1994.

PORTELA, Eduardo. Aventura e desengano da periodização literária. *Jornal do Commercio*, 23 de agosto de 1959.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: \_\_\_\_\_. *O fenômeno urbano*. Trad. Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Zahar, 1950, p. 12.

SOUSA, João da Cruz e. *Obras completas*. Organização, introdução, notas, cronologia e bibliografia por Andrade Muricy. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

TELES, Gilberto Mendonça. Cruz e Souza. In SOARES, Iaponan; MUZART, Zahidé L. (Orgs.). *Cruz e Sousa: no centenário de Broquéis e Missal*. Florianópolis: UFSC, FCC ed., 1994.

WOLFF, Janet. The invisible Flâneuse Women and the Literature of Modernity. In: WOLFF, Janet. *feminine sentences*. Berkley, Los Angeles, Londres: University of Califórnia Press, 1990.